



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA EDUARDA PESSÔA DE ARAUJO

**RAÇA E RACISMO NA MÍDIA: ANÁLISE DE CASOS DE RACISMO PUBLICADOS
NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1 EM 2015**

PARNAÍBA-PI

2025

MARIA EDUARDA PESSÔA DE ARAUJO

**RAÇA E RACISMO NA MÍDIA: ANÁLISE DE CASOS DE RACISMO PUBLICADOS
NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1 EM 2015**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Lêda Rodrigues Viera

PARNAÍBA-PI

2025

MARIA EDUARDA PESSÔA DE ARAUJO

**RAÇA E RACISMO NA MÍDIA: ANÁLISE DE CASOS DE RACISMO PUBLICADOS
NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1 EM 2015**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em História, do Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira da Universidade Estadual do Piauí, para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Este exemplar corresponde à redação final do artigo avaliado pela banca examinadora em 07 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a. Lêda Rodrigues Vieira (Orientadora)

Universidade Estadual do Piauí

Prof.^a Dr.^a Nilsângela Cardoso Lima (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Piauí

Prof.^o Dr.^o Fernando Bagiotto Botton (Examinador Interno)

Universidade Estadual do Piauí

Dedico este trabalho aos meus pais, Francisca das Chagas Damasceno Pessôa e Expedito Mariscal de Araujo, aos meus irmãos e minha amada avó Maria Eduarda Galvão Galeno.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, Francisca das Chagas Damasceno Pessôa e Expedito Mariscal de Araujo por toda paciência, por todo suporte nesses anos, por todas as vezes meu pai foi me levar e buscar na universidade, sei que não foi fácil por já vir cansado do trabalho, com chuva e sem chuva, eu tenho consciência de todo esforço necessário para eu ter chegado até aqui.

Aos meus irmãos Andressa Pessôa de Araujo e Anderson Henrique Pessôa de Araujo, pelo carinho e amor, que mesmo nas dificuldades estão ao meu lado sempre. Ao meu namorado Lucas Farrapo, pelo apoio, motivação e leveza com as minhas dificuldades, a minha querida e amada vó Maria Eduarda Galvão Galeno, a quem eu presto a minha homenagem, ela não está mais presente aqui, mas sempre estará no meu coração, agradeço por todas as vezes que ela se interessou e perguntou como estava a universidade e quando eu ia me informar posso dizer que a saudade dificultou um pouco a minha conclusão, mas que eu tentei ser forte a todo instante em meio aos problemas do caminho, estou aqui realizando esse objetivo, por vocês e por mim.

Gostaria de registrar meu carinho e gratidão pela minha orientadora Lêda Rodrigues Vieira, por ter me incentivado e orientado no que foi necessário para a construção deste artigo. As minhas amigas Andréia Gabriele Santana de Sousa e Assunção de Maria Mendes da Silva, por todos os debates sobre o tema e a motivação para a conclusão do curso, vocês são demais espero que no final as três possam dizer “conseguimos”.

Agradeço a Deus por ter me dado forças!

Agradeço de todo coração a cada um que me ajudou a chegar até aqui!

RAÇA E RACISMO NA MÍDIA: ANÁLISE DE CASOS DE RACISMO PUBLICADOS NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1 EM 2015

Maria Eduarda Pessôa de Araujo

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar matérias produzidas pelo portal de notícias G1 no ano de 2015, de modo a compreender como os discursos em torno do racismo são divulgados e, as possibilidades de recepção desses discursos na sociedade, o portal G1 compõem a empresa Globo Comunicação e Participações S.A., divulgando conteúdo jornalístico no âmbito digital, as reportagens analisadas nos possibilitaram discutir a forma como os casos são noticiados no portal de notícias, mostrando como as vítimas são evidenciadas e como os denunciados são representados. Para isso, dialogamos, principalmente, com teóricos do discurso (Foucault, 1999) e da imprensa como fonte histórica (Capelato, 1988; Luca, 2008).

Palavras-chave: Racismo; Discurso; Portal de notícias G1; Mídia.

Abstract: This paper aims to analyze reports produced by the G1 news portal in 2015, seeking to understand how discourses surrounding racism are disseminated and the potential reception of these discourses in society. The G1 portal is part of Globo Comunicação e Participações S.A., providing journalistic content in the digital domain. The analyzed reports allowed us to discuss how these cases are reported on the news portal, highlighting how victims are portrayed and how the accused are represented. To achieve this, we primarily engage with discourse theorists (Foucault, 1999) and the press as a historical source (Capelato, 1988; Luca, 2008).

Keywords: Racism; Discourse; G1 news portal; Media.

1 Introdução

A presente pesquisa analisa as matérias produzidas pelo portal G1, sobre casos de racismo acontecidos no Brasil. Com o objetivo de problematizar o papel do veículo de comunicação no combate ou manutenção do racismo, sobretudo, ao realizar uma análise dos discursos apresentados em algumas reportagens, podendo contribuir ou estimular a reprodução do racismo de pessoas negras no Brasil.

No início do ano de 2016 o site oficial da câmara de deputados do Brasil, publicou uma nota pública do Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados que apresenta dados do disque 100, que é o número para denúncias de violação dos direitos humanos, coordenado pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, nessa nota o Deputado Paulo Pimenta afirma que é visível o que já se

vinha observando: O aumento dos casos de ódio e intolerância. “O registro de violações sobre intolerância religiosa, xenofobia e apologia e incitação ao crime, somadas, cresceu dez vezes de 2014 para 2015.” (PIMENTA, 2016), apresenta-se um dado muito interessante, onde no período entre 2014 e 2015 às denúncias de violação de direitos iguais¹ cresceram em 5811%, passando de 18 denúncias em 2014, para 1064 no ano de 2015 o Deputado (PIMENTA, 2016) fala que a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, afirma que esse total não representa o número de casos de violência, mais que somente representam os denunciados, Pimenta afirma que:

As estatísticas são coerentes com os diversos episódios emblemáticos graves vividos em 2015, como o incêndio do terreiro da Mãe Baiana, a travesti incendiada em Curitiba, o ódio contra imigrantes, o racismo e os brados em manifestações conservadoras contra o PT e a esquerda. Esses casos emblemáticos se refletem nas milhares de ligações feitas por cidadãos vitimados ao Disque 100. Se temos avanços expressivos em relação à inclusão social, temos presenciado também o crescimento de setores da sociedade que mais e mais se apegam ao ódio como conduta. (PIMENTA, 2016).

O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (2015) afirma que “Foram 94 ocorrências, sendo que 87 casos são de injúria racial² e 3 de racismo. Esse valor representa quase o dobro de casos ajuizados em 2014, quando foram oferecidas 46 denúncias.”. O Ministério traz a fala do Promotor de Justiça, Thiago Pierobom, afirma que (MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS, 2015) o aumento das denúncias nos apresenta que se está tendo uma crescente na conscientização e intolerância da população em aceitar tais comportamentos. Pierobom fala que:

Obviamente, as práticas discriminatórias não podem ser toleradas, porque elas são um câncer social. Elas anulam o que tem de mais importante em uma sociedade democrática, que é o princípio da igualdade. Elas tentam construir cidadãos de segunda categoria, por isso, é importante que, absolutamente, todas as pessoas digam não ao racismo para que possamos construir uma sociedade mais livre, justa e solidária (MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS, 2015).

¹ BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado à promoção da igualdade de oportunidades e combate à discriminação racial e étnica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 11 de Jan. de 2025.

² BRASIL. Lei nº 7.716 , de 5 de Janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, onde estabelece penas para práticas discriminatórias, de modo que impedindo acesso a empregos, serviços públicos, estabelecimentos comerciais, ou qualquer outro espaço público. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 de Jan. 1989. Retificada em 9 jan. 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm. Acesso em: 11 jan. 2025.

Através desses dados podemos observar que o ano de 2015 foi marcado por muitos casos de racismo se fazendo indispensável a análise mais pormenorizada dos racismos noticiados desse período. Segundo Silvio Luiz de Almeida (2018, p. 46):

pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um álibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas.

O jornalismo está presente no cotidiano do brasileiro, o que o torna de suma importância sua influência na sociedade. Para Ana Thaís da Silva Cordeiro e Francisco Aquinei Timóteo Queirós (2023), em seu artigo *“Mídia e Racismo em 8 notícias sobre o tráfico de drogas”*, é: “devido ao impacto que o jornalismo exerce na sociedade, ele se torna uma estrutura de poder que contribui para construção social, por meio da criação e atribuição de significados e da hegemonia cultural” (2023, p. 208). Ao reconhecer essa força que o jornalismo tem, necessitamos ter um certo cuidado na leitura de suas reportagens, e com o discurso que ali está sendo proferido. Pois, os discursos dos meios de comunicação são, muitas vezes, vistos como verdade por muitos leitores. Nesse sentido, Michel Foucault nos revela que:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito tudo, isso se dá porque todas as coisas têm no manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (Foucault, 1999, p. 49)

Portanto, dessa forma surge o interesse em trabalhar os discursos do portal de notícias G1, acerca dos casos de racismo, buscando entender se esse veículo de comunicação contribui para a luta contra o racismo estrutural ou na perpetuação de suas práticas no Brasil.

Esta pesquisa torna-se significativa, visto que, desenvolve o estudo do campo da história do tempo presente, fortificando oportunidades de leituras que trazem reflexões do discurso contra o racismo. A pesquisa foi pensada diante da inquietação ao ver notícias e reportagens frequentes em relação ao racismo que a pessoa negra passa no seu dia a dia, e ver como os relatos são retratados nos jornais. Ao fazer a análise e trazer reflexões sobre o tema abordado, buscamos contribuir para que haja mais reflexões a respeito desse tema.

Ao analisar as matérias sobre atos racistas acontecidos no Brasil e divulgados pelo portal de notícias G1 durante o ano de 2015 e como o discurso pode contribuir com a formação dos estereótipos e a perpetuação de preconceitos raciais. Com isso, o método de pesquisa utilizado foi inicialmente da revisão bibliográfica para o levantamento de dados sobre o tema abordado, com foco no portal de notícias G1 e dos casos de denúncias de racismo no ano de 2015. O portal de notícias G1 foi escolhido por ser acessado não somente no Brasil como em vários países, revelando sua grande visibilidade.

Durante o levantamento da pesquisa foram encontradas notícias de diversos recortes temporais sobre a temática, mas delimitamos a análise de matérias publicadas durante o ano de 2015, pois constatamos um elevado número de casos de denúncias de racismo. Segundo Carlos Leite (2015, p. 9) nos periódicos podemos encontrar a compreensão e identificação de movimentos no interior da sociedade que não se encontram detalhados em outros tipos de fontes, por isso foram escolhidos para a análise dos relatos e casos de racismo, pois, no Brasil, os portais de notícias, por exemplo, apresentam muitas evidências e fatos sobre o tema. Assim, os periódicos passaram a ser vistos como “fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas” (Capelato, 1988, p. 20).

Segundo Tânia Regina de Luca (2008, p. 141), a imprensa é um ótimo local de pesquisa pois possui uma enorme variedade e amplas possibilidades. Entre elas, arquivos públicos ou privados, bibliotecas, institutos históricos e acervos de empresas jornalísticas, mas a presente pesquisa se valerá dos acervos de um dos portais de notícias do país, o Portal G1. Ao lidar com tais documentos é necessário um cuidado e senso crítico para avaliar a veracidade da fonte, pois o jornal como afirma Silvia Fonseca e Maria Correa “tem se revelado uma fonte preciosa para atestar não apenas a disputa em torno da redefinição de significados dos conceitos políticos, mas, sobretudo, para avaliar os modos de pensar e persuadir em distintos momentos históricos” (2009, p. 7).

Para revisão bibliográfica serão utilizados: o autor Kabengele Munanga (2003) com o artigo, “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”, onde trata da negritude e da identidade negra da contemporaneidade. Sobre o conceito de racismo, utilizaremos Silvio Luiz Almeida (2018). Com relação ao branqueamento, Idalina Maria Amaral de Oliveira (2008). A autora Denise Bispo dos Santos (2019) colabora com a questão da identidade negra feminina. Já Luciângela Amanda Reis (2015) trata da relação do cabelo para a autoestima. Os pesquisadores Janayna Alves de Sousa e Josenildo Campos Brussio

(2023) e Tainá Freitas Medeiros (2021) trabalham o racismo estrutural. Sendo que esta última discute o racismo estrutural juntamente com a mídia, assim como, Marcos Vinicius da Silva Osório (2021) que faz vínculos entre a mídia e o racismo. A pesquisadora Luane Bento dos Santos (2019) trata sobre o cabelo crespo e o Manual antirracista produzido pelo Instituto Nelson Wilians (2023) trata dos tipos de racismo e seus conceitos e, por fim, o Dicionário de conceitos históricos.

Para entendermos a análise de discurso utilizamos Michel Foucault com o livro *A ordem do discurso* (1996), onde o autor aborda o conceito de discurso e suas relações. Sobre a temática do jornalismo, o artigo de Ana Thaís da Silva Cordeiro e Francisco Aquinei Timóteo Queirós (2023). Os textos de Marcos Vinicius da Silva Osório (2021) colaboram acerca da mídia e o racismo. Já Maria Helena Capelato (1988) trabalha com a imprensa e História do Brasil, bem como, Silvia C.P de Brito Fonseca e Maria Letícia Corrêa (2009) contribuem com a temática da imprensa. O pesquisador Carlos Henrique Ferreira Leite (2015) também colabora com o tema dos jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. Sobre os periódicos, Tânia Regina de Luca (2008) discute sobre a interatividade no jornalismo online. O Portal G1 para a busca de informações sobre ele, como também os dados e casos de racismo acontecidos no Brasil e noticiados no portal de notícias durante o ano de 2015.

2 Raça, racismo e branqueamento

A injúria racial está presente em praticamente todos os lugares, escolas, cinemas, shoppings, tanto no meio social, como no meio virtual, é rotineiro se lê notícias voltados para casos de injúria racial no Brasil e no mundo, sejam eles por conta da cor pele, como também nariz, olhos, boca e o cabelo, traços esses bem característico da população negra, mas que a sociedade pressiona como feios e ruins. Mediante essa questão trabalharemos nesse primeiro tópico, o conceito de Raça, como também as formas de racismo e o conceito de branqueamento.

O conceito de raça começou a ser mais utilizado na metade do século XIX, por Augustin Pyrame de Candolle, que trabalhava a definição de raça na ótica da ciência biológica. Vejamos a conceituação no dicionário de conceitos históricos:

Atingindo seu apogeu como conceito científico no século XIX, a noção de raça diz respeito a certo conjunto de atributos biológicos comuns a um determinado grupo humano. O termo raça não era exatamente uma palavra nova nas línguas europeias no século XIX. A palavra, na Idade Moderna, com outros significados, era conhecida no mundo europeu, e dizer que se pertencia a uma raça era afirmar o pertencimento a uma linhagem. Durante

esse período, foi criada a tese monogenista, que afirma a existência de uma única raça humana descendente de Abraão, e praticamente não havia ainda a ideia de inferioridade racial. Isso não significa, no entanto, que não houvesse etnocentrismo e discriminação com base em características físicas (Silva; Silva, 2009, p. 346).

Os autores Kalina Silva e Maciel Silva, do dicionário de conceitos históricos, o conceito de raça é usando abrangemente no século XIX, ganhando atributos biológicos, no entanto hoje já temos autores que não veem neste mesmo sentido, para o sociólogo argentino Carlos Hasenbalg, no livro escrito em conjunto com a socióloga brasileira Lélia Gonzalez, intitulado Lugar de Negro, a raça ganha atributos sociais, ele afirma que:

A raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente a um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social.(Gonzalez e Hasembalg, 2022, p. 112)

Conforme Idalina Oliveira (2008, p. 7) “[...] o racismo nasce no Brasil associado à escravidão, e é após a abolição que se organizam as teses de inferioridade biológica dos negros e assim se propagam pelo país”. O racismo tem diversas facetas podendo se manifestar no plano individual nas relações interpessoais, no plano institucional e no plano estrutural onde se revela de forma mais complexa. De acordo com o professor em sociologia Francisco Porfírio (2019), o racismo no plano individual se dá "nessa forma direta de racismo, um indivíduo ou grupo manifesta-se de forma violenta física ou verbalmente contra outros indivíduos ou grupos por conta da etnia, raça ou cor, bem como nega acesso a serviços básicos (ou não) e a locais pelos mesmos motivos". Já no plano institucional ocorre

De maneira menos direta, o racismo institucional é a manifestação de preconceito por parte de instituições públicas ou privadas, do Estado e das leis que, de forma indireta, promovem a exclusão ou o preconceito racial. Podemos tomar como exemplo as formas de abordagem de policiais contra negros, que tendem a ser mais agressivas (Porfírio, 2019).

No aspecto estrutural apresenta-se:

De maneira ainda mais branda e por muito tempo imperceptível, essa forma de racismo tende a ser ainda mais perigosa por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial (Porfilio, 2019).

O racismo atua na exaltação da pessoa branca e na inferiorização da pessoa negra, se dando principalmente nas principais características físicas (cabelo, boca e nariz), resumidamente os traços principais do negro. Kabengele Munanga (2003) comprehende que:

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence (Munanga, 2003, p. 8).

Munanga afirma que o racismo faz com que indivíduos vejam outros grupos sociais como inferiores, e isso infere na vida da pessoa negra que tem a sua cor menosprezada, sua religião perseguida, pois um indivíduo racista se esconde através de ideias de inferiorização da raça, motivados pelos discursos de enaltecimento da pessoa branca no decorrer dos séculos, e aqui temos o ideal de branqueamento nesse sentido Idalina Maria reflete que:

O ideal de branqueamento é, portanto, uma ideologia nativa, nascida na pós-abolição, com seus pretextos notadamente racistas foram compartilhados pela intelectualidade nacional, presente nas obras de inúmeros e influentes pensadores, juristas, políticos e escritores brasileiros (Oliveira, 2008, p. 8).

No final do século XIX e começo do século XX foi comum obras defenderem que havia uma pretensa superioridade racial no mundo, eventualmente motivados pelo darwinismo social³, onde se defende a superioridade branca. No Brasil, após a escravidão, políticos brasileiros criaram uma Política Nacional do branqueamento, para assim eliminar a população negra, mesmo após abolição a sociedade não deixou de ser escravocrata. A autora Idalina Maria Oliveira apontava que: “Essa política conservava os negros em condições de extrema pobreza até que se extinguissem devido à mortalidade infantil, desnutrição, doenças e,

³ Segundo o historiador Rafael Mendes no site Brasil Escola, o Darwinismo Social, é uma linha de pensamento derivada da teoria evolutiva de Charles Darwin, mais nada tendo a ver, pois essa linha de pensamento afirma que certas culturas e civilizações possuíam princípios que as situavam em uma posição mais elevada do que as outras.

também através das sucessivas miscigenações, ou seja, até que os negros desaparecessem por completo do cenário nacional" (2008, p. 9).

Notamos então como o racismo estava ali rodeando o espaço, mesmo após abolição temos pensamentos eugenistas⁴, historicamente, os grupos negros foram sistematicamente marginalizados, tendo poucas oportunidades de demonstrar suas habilidades, assim dificultando o reconhecimento dos seus valores e capacidades em vários contextos sociais. Com isso, o governo brasileiro incentivou a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, e proibiram a imigração negra

Buscaram através de leis proibirem a imigração negra, exemplo é o projeto de lei apresentado em 28 de julho de 1921 pelos deputados Cincinato Braga, de São Paulo e Andrade Bezerra, de Pernambuco, que estabelecia cotas para ingresso de asiáticos, e simplesmente proibia a entrada de imigrantes negros no país (Paraná, 2006).

Esse ideal do branqueamento “pregava a integração dos negros via assimilação dos valores brancos e teve como objetivo propagar que não existiam diferenças raciais no Brasil e que todos aqui vivem de forma harmoniosa, sem conflitos. A isto damos o nome de democracia racial” (Oliveira, 2008, p. 9). Logo, é algo tão forte e tão imposto cotidianamente que:

Isso faz com que o negro sofredor do racismo, acabe favorável à necessidade da busca da miscigenação, para assim “branquear” a família, para que ela então sinta menos preconceito, sem enxergar que noções, tanto de miscigenação quanto de pureza racial, são construções político sociais utilizadas por setores da sociedade que pretende se manter dominante (Oliveira, 2008, p.12).

E exatamente por meio desse pensamento que muitas pessoas negras tentam se embranquecer, esforçam-se para apagar sua identidade, para se localizar em uma sociedade extremamente racista que a todo custo tenta apagar sua luta e sua história e é diante disso que a pessoa negra sofredora dessa imposição busca branquear as suas futuras gerações.

O fim da escravidão no Brasil deixou historicamente vários fatores sociais que assombram e permanecem, e certamente um dos mais enraizados é a opressão dos corpos dos homens e das mulheres negras, o apagamento da cultura negra é um exemplo claro, o alisamento dos cabelos o clareamento do rosto, tudo para embranquecer uma sociedade maioritária negra. Segundo Denise Bispo Santos (2019, p. 19):

⁴ Segundo a doutora em Biodiversidade Lana Magalhães no site Toda Matéria, a eugenia é uma teoria da seleção dos seres humanos com base nas suas características visando a melhora das gerações futuras, com isso temos a defesa de que as raças superiores conseguem prevalecer sobre outras raças.

Desde o início do pós-abolição no Brasil dominou o padrão do Cabelo Alisado que gerou a negação dos fenótipos negros ocasionando a perda de identidades para muitas mulheres negras. Contudo, a depreciação da estética negra, sobretudo de uma grande parte da população afro-brasileira só veio a ser significativamente alterada a partir dos anos 1960, contendo influências dos vários movimentos que ocorreram nos Estados Unidos em 1950 que buscavam a valorização dos negros por meio da elevação de sua autoestima. No Brasil surgiram vários grupos organizados, como o Movimento Negro Unificado (1978), que militou por direitos, reparações e rompimento com o mito da democracia racial, e também a valorização de beleza, ou seja, a junção dos movimentos políticos e estéticos romperam padrões racistas que imperavam.

O racismo muitas vezes é escondido atrás de "brincadeiras" e comentários maldosos como por exemplo: "nossa que cabelo mais estranho", "tua boca é tão grande", "que cabelo Bombril", "tua pele é tão escura", tornando-se e criando um desconforto para o negro, e nivelando sua autoestima, que já muito abalada, sai à procura de chegar o mais próximo possível das características da pessoa branca. O apagamento da cultura é outro ponto importante que o racismo afeta, pois "tudo que é de preto" é ruim, o povo preto sempre foi visto como subalterno e com a perpetuação do discurso e reforço dos estereótipos existente no Brasil fica ainda mais difícil lutar contra o racismo.

3 Discurso e mídia

De fato, a imprensa tem um papel crucial na vida das pessoas, na transmissão de informação, opinião e notícias, alimentando o público com fatos e ocorrências em determinado local e tempo. Ao ler uma reportagem, um acontecimento, uma notícia você se insere naquele momento, se colocando ou não no lugar do outro, de forma a ter um impacto social elevado, moldando comportamentos e concepções no âmbito político, cultural e social.

Uma questão levantada por Marcos Vinicius da Silva Osório (2021, p. 3) é o fato que:

Será que os meios de comunicação fingem imparcialidade? Seus produtos parecem transparecer uma grande conivência com a construção presente no imaginário social, em que a população negra e os grupos com baixo poder aquisitivo são vistos como subalternos, estando sempre em posição precarizada, enquanto grupos hegemônicos são privilegiados.

As narrativas empregadas pelos meios de comunicação podem reforçar e alimentar os estereótipos ou reafirmar as narrativas e preconceitos já existentes na sociedade em que

vivemos. “Na comunicação, especialmente no jornalismo, os veículos de informação e seus profissionais têm um papel de formadores de opinião e conscientizadores da população” (2021, p. 3). O jornalismo tem uma práxis de transmissão do discurso que comunicam o público e seus leitores, segundo Michel Foucault “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação como desejo e com o poder” (1996, p.10). Ele nos leva a entender que o discurso vai além de um mero conjunto de palavras, segundo ele devemos imaginar o discurso como um campo de batalha, onde se encontram diferentes forças individuais e sociais, pois o discurso está relacionado com a busca por desejo e poder, e procura nos alertar das proibições que rondam o discurso, sendo essas que formam o discurso e mostra-nos a verdade sobre o que se está em disputa: as vontades ocultas e os vínculos de poder que envolvem as relações. E a verdade onde fica nesse meio? Ele diz que:

Como separa nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. E a razão disso é, talvez, esta: é que se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde dos gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo senão o desejo e o poder? (Foucault, 1996, p. 20).

Em vista disso, o filósofo propõe que a verdade não é neutra ou não somente objetiva, ela é adaptada e, frequentemente, disfarçada pela configuração de desejos e poderes, sendo um aspecto de exercício de poder e velada no esforço de obter desinteressadamente o conhecimento, essa ânsia de procura, e certificação da verdade ele nomeia de “vontade de verdade”. Com efeito Foucault (1996) ao procurar uma reflexão de que a verdade não pode ser separada dos contextos sociais e históricos que ela está inserida, em decorrência do que é refletido podemos notar que não devemos ter a verdade como uma interpretação objetiva e fundamental da realidade, transferindo consigo fatores subjetivos e disposições de poder.

Em relação a “vontade de verdade”, citada por Foucault (1996), no meio jornalístico ela pode ser encoberta pelos interesses econômicos, ideológicos e editoriais, na busca do controle do que se esconde e do que se vê, o jornal assume esse desejo de construir a percepção pública, quando declara seu compromisso com a verdade, na tentativa de camuflar esses fatos “verdadeiros” que do alinhamento dos interesses específicos editoriais, o jornalismo acaba por selecionar verdades e criar narrativas.

À medida que entendemos que o discurso midiático está enraizado na ideologia hegemônica da sociedade, sendo uma possibilidade real a escolha dos proprietários de meios de comunicação por um fato em detrimento de outros, e por determinado modo de tratar essa informação, é preciso falar do estereótipo – a maneira como a ideologia dominante enxerga grupos sociais, como a comunidade negra e menos favorecida socioeconomicamente (Osório, 2021, p. 8).

Marcos Vinicius Osório (2021) destaca como o discurso midiático é influenciado pela ideologia predominante, dessa forma impactando a relação dos fatos que são noticiados quanto o modo que são retratados, ao optar o jeito de se comunicar com o leitor, os responsáveis pelo meio midiático, exercem um papel de funil, de forma a selecionar o que será e como será escrito, que no caso continuamente mantém os estereótipos dos mais marginalizados da sociedade, com isso notamos a perpetuação do discurso e fortalecimentos dos estereótipos. Sob o mesmo ponto de vista Ana Thais da Silva Cordeiro e Francisco Aquinei Timóteo Queirós (2023) tratam em seu artigo que:

A mídia não é isenta, pois fica evidente que ela defende os interesses da classe hegemônica e privilegia as narrativas desse estamento social. Em um campo midiático composto em sua maioria por brancos, as fontes e a maneira de relatar os fatos privilegiam a branquitude e o seu pensamento (Cordeiro; Queirós. 2023. p. 208).

Dessa maneira, ao trabalhar com o jornal online G1 (Globo) veremos a frequência de casos de racismo que são alarmantes e analisaremos a forma que é tratado o caso de racismo, acontecendo em todo âmbito na sociedade, seja no ambiente escolar, no trabalho, na igreja, no ônibus, entre outros espaços. Segundo Alice Assumpção e Ana Luiza Amaral em seu TCC nomeado *Interatividade no jornalismo online: estudo de caso do site G1 e proposta de um novo modelo de site jornalístico interativo*, afirmam que:

O G1 foi ao ar em setembro de 2006. De acordo com entrevista concedida às autoras deste trabalho pela editora-chefe do G1, Márcia Menezes, o site tem maior audiência nos dias de semana, das 11 às 18 horas (anexo F). Atualmente, o portal emprega cerca de 90 jornalistas, entre repórteres e editores (Assumpção; Amaral. 2008, p. 5).

O portal de notícias G1 é um dos sites mais estimados do Brasil, administrado pela Globo, firmou-se como uma fonte confiável, por ser um portal de notícias onde se pode encontrar diversas informações e de diferentes áreas como esporte, política, economia etc., se

distinguindo dos demais portais, principalmente pela agilidade da cobertura dos fatos noticiados:

A relação do G1 com o jornalismo da TV Globo e da Globo News é estreita. O G1, que se define como —Portal de notícias da Globo aproveita o conteúdo gerado pela emissora, complementando matérias de autoria de sua equipe com vídeos produzidos pela TV. As duas equipes compartilham ainda o acesso a um mesmo servidor que reúne informações como matérias, agenda de contatos, espelhos e pautas de jornais da emissora. Ilhas de edição digitais garantem a convergência das mídias TV e Internet, permitindo que a redação do G1 tenha acesso ao mesmo material de vídeo disponível na emissora. Além disso, as duas empresas jornalísticas compartilham plantão de agências internacionais e o trabalho do setor de apuração (escuta) da TV Globo (Assumpção, Amaral. 2008, p. 6).

Como podemos ver o grupo de jornalismo ao G1 apesar de vinculado ao Grupo Globo, é totalmente independente, possuindo laços estreitos com os demais grupos de jornalismo do conglomerado. Ainda sobre o portal:

O G1 foi a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico da Globo criada e pensada para o digital. Embora os telejornais e programas da Globo possuíssem, em sua maioria, endereços na internet, suas equipes não eram dedicadas à produção de informação exclusiva. A Globo.com, por outro lado, já tinha investido na criação de alguns sites jornalísticos, mas nenhum deles estruturado com uma redação própria inteiramente dedicada à cobertura noticiosa em tempo integral (Sobre o G1, s/d).

Ao possuir uma ampla rede de jornalistas em todo o Brasil, conectando assim seus leitores de todas as regiões, o portal de notícia G1 além de textos, disponibiliza também vídeos, fotos e transmissões ao vivo, ampliando a possibilidade de acesso à informação e compreensão dos seus leitores, bem como, ampliando o engajamento. Mediante ao fato da influência da mídia que de modo o G1 tem atribuído a si por fazer parte da mídia, Cordeiro e Queirós expõe:

A mídia, de modo geral, tem um grande poder na sociedade para informar e influenciar ideais e opiniões, impulsionado pela difusão dos meios de comunicação. É notória toda a influência e persuasão que o jornalismo possui, principalmente, sobre pessoas com pouca “instrução” sobre o racismo. (Cordeiro, Queirós. 2023. p.218)

Desse modo, o Portal G1 tem uma grande influência no cotidiano da população, sendo assim, com essa grande abrangência analisaremos o discurso aplicado ao portal, suas narrativas e escolhas de palavras como são feitas as reportagens dos casos ocorridos de

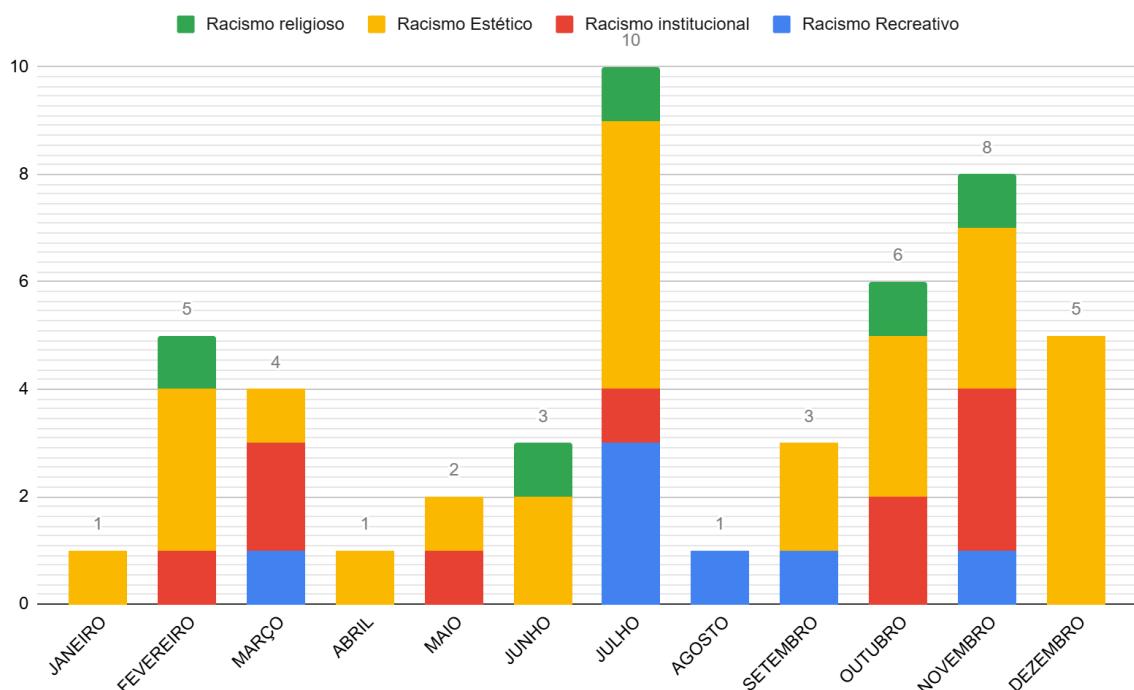
racismo, de que forma eles, expor o caso e o agressor, como também a vítima, considerando também os significados implícitos da reportagem, igualmente as narrativas e os discursos ali pregados e a receptividade dos leitores do jornal.

4 Portal G1: casos de racismo noticiados

Os casos de racismo noticiados em matérias publicadas pelo portal de notícias G1 que analisamos apresentam diferentes discursos sobre as vítimas, principalmente, acerca da forma como estão sendo divulgadas para o público leitor e como os agressores são representados. Pode ser constatada narrativas e influências múltiplas, trazendo à tona diversos estereótipos que reforçam significativamente o racismo estrutural existente no Brasil.

Através dos casos de racismo no ano de 2015 no portal G1, realizamos o levantamento das matérias de janeiro a dezembro, classificamos as 49 matérias encontradas nos tipos de racismo, como Racismo Religioso, Racismo Estético, Racismo Institucional e Racismo Recreativo, de modo a visualizar o quantitativo de casos entre os meses de janeiro a dezembro. No entanto, podemos constatar no gráfico abaixo que alguns tipos de racismo não foram noticiados no Portal G1 durante o ano de 2015.

Gráfico 1: Quantidade de notícias por tipo de racismo noticiadas pelo Portal G1 em 2015.



Fonte: Criado pela autora.

No mês de janeiro ocorreu um caso de racismo Estético, que como podemos notar será o tipo mais comum ocorridos no ano de 2015, de forma que em fevereiro ocorreram três casos, março acontece um caso, abril foi encontrado apenas uma notícia de caso de racismo sendo ele igualmente estético, maio contendo dois casos e sendo um dessa categoria, junho foram identificados três casos e dois foram dessa natureza, julho foi o mês que mais houve casos de racismo noticiados no portal de notícias G1, aqui encontrados durante a presente pesquisa, de dez casos cinco foram de racismo estético, agosto não se apresenta nem um caso de racismo desta categoria, setembro dois casos, outubro de seis casos ocorridos três foram estéticos, novembro o segundo mês que contém mais relatos de racismo, de oito casos três foram nesta ordem, em dezembro teve cinco casos e os cinco foram de cunho estético.

O racismo estético é caracterizado por ser uma discriminação baseada em características físicas e aparência (Instituto Nelson Wilians, 2023, p. 13). Essa prática de racismo diversas vezes acontece no âmbito escolar e do trabalho, pois o cabelo é uns dos alvos mais presentes, visto como “sujo” e “feios”. Segundo Reis (2015, p. 26):

O cabelo tem forte significado na construção da identidade afrodescendente. Sabemos que a população negra enfrenta vários outros desafios sociais e que muitos consideram essa questão do cabelo como secundário ou como algo que nem há necessidade de ser discutido. Mas para a mulher o cabelo crespo está sempre associado à uma questão negativa, porque o cabelo crespo não é referência e nem padrão de beleza. O corpo é aquilo que somos, e aquilo que nos representa e essa relação precisa ser bem desenvolvida. O racismo desumaniza, nos faz criar rejeição pelo nosso próprio corpo. Os padrões de beleza europeizados impostos a sociedade tira a liberdade de escolha estética dos negros a partir do momento que reflete psicologicamente um contexto de opressão e impacto da colonização racista.

Dessa forma, o racismo estético está enraizado na sociedade brasileira, não só ele como todos os racismos, pois como analisaremos a seguir os casos de racismos, notamos que todos são de forma da depreciação e discriminação da pessoa negra, afetando sua vida e, muitas das vezes, sua autoestima. Dando continuidade aos conceitos de racismos o manual do instituto Nelson Wilians o Racismo Recreativo, sendo esse:

Caracteriza-se a partir de comentários e manifestações muitas vezes entendidos como “brincadeiras” ou “piadas”, mas que utilizam práticas para diminuir, menosprezar e estereotipar grupos raciais. Ex: ridicularização de atributos negros a partir do blackface, estereotiparão de pessoas negras a partir de personagens com características depreciativas, ridicularização de pessoas negras em rodas de amigos, com a justificativa da “intimidade” (2023, p. 13).

Como podemos notar foram encontradas seis notícias de casos de racismo recreativo. Ao dar continuidade a análise das notícias, outro tipo de racismo é o institucional que:

Se manifesta através de políticas, práticas ou estruturas que discriminam ou prejudicam grupos raciais específicos de forma sistêmica. Ex: desigualdade de tratamento em espaços públicos, desigualdade de acesso à educação e ao mercado de trabalho, encarceramento em massa vivenciado pela população negra, entre outros (2023, p. 13).

Sobre o racismo institucional, foram encontrados cinco casos sendo um no mês de fevereiro, um em maio e três em novembro, ocorrendo tanto em instituições públicas quanto privadas. Esses casos de racismo são caracterizados por desigualdades sistêmicas, que abalam a vida das pessoas negras. O racismo ambiental ou ecológico não foi encontrado em nenhum caso relatado, ele se caracteriza como à maneira como grupos raciais específicos enfrentam desproporcionalmente os impactos negativos de políticas, práticas e decisões ambientais prejudiciais (2023, p. 13).

No mês de junho, julho, outubro e novembro foram encontrados um caso de racismo religioso em cada mês, identificado como sendo uma forma específica que envolve a discriminação religiosa a partir do racismo, ou seja, negativiza as práticas e as manifestações religiosas ligadas a grupos raciais específicos, criando estereótipos, perseguições e intolerância. (2023, p. 13), sendo uma forma de exclusão social, muitas vezes, ocorrendo violência física e psicológica. Essa prática de racismo é, principalmente, caracterizada pela demolição de templos e perseguições religiosas.

A primeira matéria que iremos analisar aconteceu em uma instituição de ensino no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no campus da PUC-Rio, onde a estudante de moda, Gabriela Monteiro, idade não revelada, se fez necessária à sua ida a uma delegacia de polícia para prestar queixa contra duas de suas professoras. Tudo começou quando a jovem relatou em sua rede social (facebook) o que ocorreu no campus universitário, sendo posteriormente noticiado no Portal de notícias G1, conforme figura 1:

Figura 1: Portal G1 – Reportagem 1 – Publicada em 25/02/2015.

RIO DE JANEIRO

BUSCAR

25/02/2015 21h28 - Atualizado em 25/02/2015 21h30

Aluna de moda da PUC-Rio relata racismo de professoras em sala

Gabriela Monteiro prestou queixa na 12ª DP (Copacabana). Aluna fez desabafo no Facebook nesta quarta-feira (25).

Do G1 Rio

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Gabi Monteiro
Seguir 23 h · Ediádo · 4h
Havaianas no Instagram

Só pra... Só pra... Todo Dia
que essa foto é adj pra descoclar que continuarei
botando meu cabelo pra cima SEMPREEEE!
fotografia: Renato Galvão

Sabe aquela né na gengiva, aquela angústia que vc
sente lá no fundo, e a falta de certeza sobre qual o
melhor caminho pra escolher?
Então eu tive esse sentimento desde o final de
dezembro, qnd percebi que vez eu soube que repeti
uma matéria na Puc-Rj, faculdade que estudo Design
de Moda.
Essa matéria foi Projeto de Design de Moda, que tem
dois professores responsáveis pela aula
simultaneamente, nesse caso foram Ana Luiza
Morales e Tatiana Rybalowiski. No inicio do ano letivo
desse projeto, eu fui surpreendida por uma das professoras (que é preconceituosa velado, que para mim é o
pior, pois acaba sendo encarado como
pata/brincadeira, e com certa naturalidade por quem o
faz) a dizer que eu era preconceituosa, a suficeza das
palavras de cunho preconceituoso acaba soando de
forma natural e se entrainha com certa normalidade de

Shopping

Magazine Luiza
Acer Aspire VX5-
591G-54PG
Note...
10 x R\$399,90

comparar preços de

veja todos os produtos »

Fonte: Portal G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/02/aluna-de-moda-da-puc-rio-relata-racismo-de-professoras-em-sala.html>

Segundo o portal, Gabriela afirma que o ocorrido foi iniciado quando uma das professoras relatou que uma mulher com o cabelo afro a atrapalhou quando estava no cinema. Além disso, a professora voltou a repetir a mesma narrativa tempos depois, relatando que:

O cabelo da mulher (citada pela professora) era um empecilho para visualizar a tela do cinema. Em um primeiro momento não percebi a gravidade da declaração até que minhas colegas de turma comentaram comigo o quanto absurdo aquilo. Fiquei sem reação, e o desconforto de estar em sala de aula passou a ser uma realidade', desabafa a aluna (G1 Rio, 2015a).

Com isso, observa-se que o racismo está tão enraizado no cotidiano do negro, que a aluna de moda apontou que no momento do ocorrido não percebeu a gravidade do que foi falado, somente se dando conta quando suas colegas de turma mencionaram que aquilo era um comentário absurdo. Cordeiro e Queirós (2023, p. 205) que tratam sobre o racismo no cotidiano da população negra, afirmam que “[...] se define o racismo cotidiano como todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o negro (a), não só como “outro”, mas também como autoridade”.

Gabriela em seu desabafo ainda afirma que devido a declaração da professora ela passou a sentir um desconforto em estar presente em sala de aula e, ainda aponta que outra professora ao adentrar a sala e ver seus cabelos, que como podemos ver na imagem que acompanha a reportagem (figura 1) possui cabelos crespos, a estudante relata que a professora

lhe dirige uma pergunta, se a jovem é do signo de leão, obviamente fazendo uma referência ao seu cabelo e comparando-o com a juba do leão. Diante do ocorrido, Gabriela afirmou que:

Fiquei tão chocada que não tive reação a essa pergunta preconceituosa. O ano letivo irá recomeçar na próxima semana, o sentimento de angustia se transforma em sensação de estar fazendo a coisa certa mesmo eu estando apreensiva (G1 Rio, 2015a).

Como acompanhamos na matéria aqui analisada, a aluna afirma que se sentiu apreensiva com a volta às aulas que se aproximava. No entanto, ela possui dentro de si um sentimento de que está fazendo a coisa certa. Conforme mencionado na própria reportagem, não se tem andamento do que ocorreu posteriormente a denúncia, se após o Boletim de Ocorrência as professoras foram chamadas para depor ou se houve algum tipo de retratação tanto delas quanto da universidade.

O portal G1 destaca, principalmente, o relato da vítima Gabriela Monteiro que, muitas vezes, não tem visibilidade e essas práticas são normalizadas. No entanto, mesmo tendo destacado o depoimento da vítima, não ocorre um aprofundamento da discussão sobre as proporções do racismo, sintetizando a observação ao âmbito individual, juntamente com o não aprofundamento da notícia pelo portal. Além disso, existe a falta de posicionamento da instituição de ensino superior sobre o caso, de forma que não se tem conhecimento se as professoras e a universidade foram indagadas, dando a entender que a entidade está evitando a responsabilidade do caso.

Diante do fato que o caso é exposto pelo Portal de notícias, sem um aprofundamento da discussão sobre o racismo estético e, sendo tratado como algo ligado à índole das professoras, sendo o racismo examinado como algo particular, trazendo como prática naturalizada na sociedade. De acordo com Tainá Medeiros (2021, p. 5):

[...] considerando a importância do campo jornalístico como um espaço de disputas simbólicas, de poder e de produção de discursos sobre a realidade que podem influenciar e contribuir para o entendimento de determinado tema na sociedade, além do seu crescente alcance na sociedade brasileira.

O discurso evidenciado no portal é de exclusão, seleção e ritualização de um certo mecanismo. Segundo Foucault (1996, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual se luta, o poder que se quer capturar”. Nesse sentido, o Portal G1 procura moldar a compreensão do leitor do caso relatado de acordo com o que se considera acessível ao público.

A próxima matéria aqui analisada aconteceu durante uma reunião de definição de estratégias de trabalho no programa de saúde da família, na cidade de Santa Helena, localizada no oeste do Paraná. Olhemos agora a chamada da reportagem.

Figura 2: Portal G1 – Reportagem 2 – Publicada em 24/03/2015

The screenshot shows the G1 news website interface. At the top, there is a red header bar with the text 'OESTE E SUDOESTE - PR' and the 'RPC' logo. Below the header, the date '24/03/2015 12h32 - Atualizado em 25/03/2015 14h50' is displayed. The main title of the article is 'Médica acusa secretária de Saúde de fazer comentário racista sobre cabelo'. A subtitle below the title reads: 'Gaúcha fez medicina em Cuba e trabalha no programa Mais Médicos no PR. Responsável pela pasta diz que só teve intenção de proteger a profissional.' On the left side, there is a byline 'Fabíula Wurmeister' and 'Do G1 PR'. On the right side, there are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest.

Fonte: Portal G1. Disponível em:
<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2015/03/medica-acusa-secretaria-de-saude-de-comentar-jo-racista-por-causa-de-cabelo.html>

Segundo o G1, Thatiane Santos da Silva, de 30 anos, que acusa de prática de racismo a secretaria de saúde do município, pois os comentários feitos pela secretaria foram direcionados ao seu cabelo que à época era no estilo “dreadlock”⁵. O fato teria ocorrido durante uma reunião de definição de estratégias da saúde e a vítima afirma que ficou constrangida com a maneira pela qual foi tratada. Diante do ocorrido, Thatiane prestou boletim de ocorrência e enviou uma carta ao Ministério da Saúde (MS) e, também, fez uma denúncia junto ao Conselho Federal de Saúde (CFM), afirmando que “nunca havia passado por isso antes e é inadmissível ficar calada diante de uma atitude de racismo” (*apud* Wurmeister, 2015).

O Brasil sofre historicamente do mal que é o racismo, uma estrutura social de poder onde grupos dominantes se colocam em posições mais favoráveis a partir de práticas culturais, institucionais e econômicas, para garantir o bem público da respeitabilidade social, um privilégio branco, prejudicando ao longo do tempo a parcela preta da sociedade (Osório, 2021, p. 43).

Na matéria, a médica afirma que ao entrar na sala foi abordada pela secretária e pela

⁵ Segundo o TreeLiss Profissioal “os dreadlocks ganharam popularidade global, em grande parte devido à influência da cultura Rastafari da Jamaica. Para os rastafáris, os dreadlocks simbolizam a resistência contra a opressão e a conexão com a terra e a espiritualidade. Bob Marley, um dos mais famosos adeptos da religião, ajudou a popularizar os dreads em todo o mundo, tornando-os um ícone de resistência e autenticidade.” disponível em: <https://encurtador.com.br/rUmZf> acessado em 11 de jan. de 2025.

assistente, que gostariam de conversar sobre um problema. De acordo com a médica, o problema seria o cabelo de Thatiane, porque nas palavras delas as pessoas da cidade estavam familiarizadas com um padrão, parecendo até mesmo que os médicos eram deuses, e que a população teria um preconceito contra o cabelo da médica, ela lembra que: “Já trabalhei no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul e em nenhum momento senti qualquer resistência quanto à maneira como me visto ou à cor da minha pele” (*apud* Wurmeister, 2015). Ao levar em consideração o que Foucault afirma que: “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (Foucault, 1996, p. 9) de forma a não ser um discurso neutro, a reportagem do portal nos situa a esse fato, pois opta por selecionar narrativas, como por exemplo a fala da médica e a secretaria de Saúde e as instituições como o Ministério da Saúde, o relato da médica nos mostra a luta contra prática raciais no seu ambiente de trabalho, no caso da secretaria de saúde se utiliza das falas sobre o “cuidado” e da “proteção”, na tentativa de eliminar a acusação, afirmando que não foi racista, “Em nenhum momento quis ofendê-la. A intenção foi protegê-la de uma eventual resistência ou comentário dos pacientes” (*apud* Wurmeister, 2025) tentando suavizar seu discurso racista.

Então, notamos que ao trazer os dois relatos, o portal trabalha a mediação das narrativas. Entretanto, a reportagem não apresenta depoimentos de outros médicos e pacientes, de forma a restringir a diversidade de compreensões. Para Michel Foucault o discurso é: “existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mais uma separação e uma rejeição” (1996, p. 9). A matéria não investiga como a secretaria lida com outras questões raciais, nem como ela trata os outros médicos, o não aprofundamento dessas indagações, trata o racismo como um caso isolado, não como algo presente na sociedade de forma estrutural.

Como terceira análise vamos abordar um caso ocorrido no Distrito Federal (DF), onde uma mulher foi abordada pela PM por porte ilegal de drogas, e durante a abordagem teria ofendido Antônio Vantuir Clemente de Souza, que é policial militar, que tem 22 anos de corporação, e ferindo outra policial durante a abordagem, vamos a chamada da notícia publicada no dia 19 de junho de 2015:

Figura 3: Portal G1 – Reportagem 3 – Publicada em 19/07/2015



DISTRITO FEDERAL

19/07/2015 05h45 - Atualizado em 19/07/2015 05h45

Mulher ofende PM negro no DF ao ser pega com maconha: 'Sua cor diz tudo'

Ela disse que policial levaria cigarro para casa e o fumaria, afirma vítima. Caso aconteceu em Santa Maria; suspeita foi levada ao Presídio Feminino.

Raquel Moraes
Do G1 DF



Fonte: Portal G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/07/mulher-ofende-pm-negro-no-df-ao-ser-pega-com-maconha-sua-cor-diz-tudo.html>

O ato de racismo aconteceu no dia 17 de junho de 2015 na região administrativa de Santa Maria, cidade-satélite do Distrito Federal, uma mulher foi presa após ser abordada por uma ronda da Polícia Militar por estar portando um cigarro de maconha, e uma pequena porção de droga. Segundo o sargento da Polícia Militar, Antônio Vantuir, que compareceu ao local, uma praça, após denúncias, afirmou que:

Fomos acionados para uma denúncia de que tinha um casal fumando tóxico, maconha. Quando eu a abordei, peguei o cigarro de maconha da mão dela. Fizemos o pedido de apoio de uma policial feminina para poder revistá-la, mas a viatura estava demorando a chegar. Aí ela me ofendeu (Morais, 2015).

A mulher teria falado ao sargento que ele deveria se desfazer do cigarro na frente dela, pois se não ele iria levar para a casa dele, com a intenção de fumar o cigarro. Segundo afirma o militar, a acusada falou isso porque “A sua cor já diz tudo” (*apud* Morais, 2015). Antônio ainda afirmou que ficou assustado com o comentário e retrucou: “você está me chamando de 'negão' maconheiro?” (*apud* Morais, 2015). Logo em seguida acabou dando voz de prisão. De acordo com o sargento:

Ela ficava: 'Tem crime mais grave acontecendo e vocês ficando atrás da gente aqui. Vou lá [à delegacia], vou sair antes de vocês, pela porta da frente, e ainda fumo um baseado na delegacia'. Estava de 'pirracinha'. Parecia que queria que a gente se alterasse, perdesse a razão (Morais, 2015).

O policial militar declara que possui 22 anos de corporação, e que essa foi a primeira vez que isso ocorreu com ele. Segundo ele, com atos como sente que o racismo existe, e que

se fosse um policial branco aquilo não teria ocorrido. A realidade do negro no Brasil é constantemente afetada com estereótipos como o que ocorreu com o citado policial. Segundo afirma Cordeiro e Queirós:

No racismo cotidiano percebemos a presença do processo de “incivilização” ao colocar o negro como a personificação de um ser “selvagem”, “bruto”, “marginalizado”, “criminoso”, “perigoso”, “suspeito”, aquele que está sempre à margem da lei e da sociedade. Esses sentidos são oriundos do que concebemos como racismo estrutural. Nele, pessoas pretas são excluídas de grande parte das estruturas da sociedade, sejam elas sociais ou políticas (Cordeiro e Queirós, 2023, p. 205).

Podemos notar que mesmo a acusada sendo presa em flagrante, ela ainda tem coragem de proferir ofensas racista para o policial, comprovando mais uma vez como o racismo está presente no cotidiano. Em relação à reportagem conseguimos analisar a forma que o portal estabelece as narrativas em uma ordem, beneficiando alguns relatos, como o do policial e dos agentes em relação ao comportamento da acusada, de forma que essa seleção não é neutra, pois configura como o comportamento do policial foi exemplar em relação as ofensas recebidas, ao ser feito o relato o policial menciona que nunca tinha acontecido algo parecido com ele, ficou surpreso com o ocorrido, isso reforça o discurso de raridade, tratando o episódio como fora do padrão, novamente levando o leitor a acreditar que o racismo é algo incomum, não como uma prática estrutural. Segundo Medeiros:

é preciso reconhecer a existência do racismo nas suas mais diversas manifestações e promover a capacidade de vincular o debate e a reflexão sobre uma prática mais habitual, não no sentido de naturalizá-lo, mas com a proposta de exercitar e aprofundar cada vez mais a forma pela qual ele é discutido (Medeiros, 2021, p. 14).

A reportagem não desenvolve a discussão para as raízes fundamentais e estruturais do preconceito, deixando claro as narrativas de poder onde Foucault reforça que não sendo somente as batalhas ou os mecanismos de dominação, o discurso também é algo por qual se luta, um poder que todos querem se apoderar.

Pela ocorrência que a própria reportagem nos traz que o policial relata: “se fosse um policial de cor branca, de olhos verdes, ela não tinha tomado essa atitude” (G1,2015), demarcando o racismo como um fato isolado, como já mencionado, reforçando assim o racismo e suas estruturas.

Para continuar com as análises, o próximo caso ocorreu em uma escola do Rio de Janeiro, onde a mãe de uma criança compartilhou seu desabafo na web, onde conseguiu

alcançar um total de 1,3 mil compartilhamentos. Nesse desabafo, a mãe apontou que a escola foi negligente com o preconceito ocorrido contra sua filha. Vamos a manchete da reportagem a seguir:

Figura 4: Portal G1 – Reportagem 4 – Publicada em 05/10/2015

Fonte: Portal G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/10/mae-diz-que-filha-sofreu-racismo-em-escola-do-rio-cabelo-de-pobre.html>

Segundo Andressa Cabral, 35 anos, tudo teria ocorrido dentro da escola que sua filha Valentina, que tem apenas 6 anos de idade, frequenta na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro. A filha relatou à mãe que existe um grupo de crianças que a perseguem, criticam e zombam com uma certa frequência (G1 Rio, 2015b). A mãe da criança afirma que já havia pedido para o pai de Valentina informar pessoalmente a escola, o que já havia feito. No entanto, aguardou o retorno da escola sobre as providências que iria tomar, o que não ocorreu. Após a denúncia de Andressa publicada em sua rede social (*Facebook*) ter viralizado, alcançando um total de 1,3 mil compartilhamentos (G1 Rio, 2015b), a escola resolveu entrar em contato com a mãe da criança. A mãe Andressa Cabral afirma que:

Só fui procurada hoje [segunda-feira], quando a coordenadora me ligou, me deu um tratamento extremamente protocolar, como se fosse um caixa de supermercado. Disse que estava muito surpresa com a situação e que não precisava ser assim. Ficou claro que ficaram preocupados com a imagem e o nome da instituição (G1 Rio, 2015b).

Ao ser procurada pelas mães das crianças envolvidas, que se sensibilizaram com todo o ocorrido (G1 Rio, 2015b), Andressa afirma que conversou com a mãe das envolvidas, e que não atribui culpa as mães e crianças, porque o que mais a aborrece é o fato de ter ocorrido no

perímetro da instituição e que escola não tomou uma atitude à altura do ocorrido. Além disso, de acordo com as mães das crianças que praticaram atos de perseguição e zombaria, elas não foram comunicadas do ocorrido. O último acontecimento comunicado pela criança ocorreu na semana em que foi feito o desabafo no *Facebook*, relatando da seguinte forma:

Fulana disse-lhe que seu cabelo "é de pobre", claramente se referindo ao cabelo afro como algo menor. [...]. Ela relata que chorou muito, tentou falar com a professora, que não teria lhe dado muita atenção e visivelmente não tratou o assunto com a relevância devida. Já as amigas a impediram de contar a sua versão, interrompendo-a, alegando ser mentira" (G1 Rio, 2015b).

Os fatos narrados pela vítima, veiculado pelo portal G1, são típicos do racismo estético, pois está vinculado a aparência física, sendo caracterizados em preconceitos em relação a cor da pele, textura do cabelo, da boca, marcado pela inferiorização da pessoa negra e enraizado em padrões de beleza eurocêntricos, para além dessa categoria conseguimos classificar o "é de pobre" como racismo de classe, que Jessé Souza no seu livro "Como o racismo criou o Brasil" publicado em 2021, explica que a elite brasileira inventou um mito de que a desigualdade é apenas fruto da economia, para assim escolher quem vai preencher as camadas mais precarizadas da sociedade e ocultar o racismo presente no cotidiano, essas formas de racismo tornam-se muito comum no dia a dia do negro, como podemos notar nessa reportagem, pois foi relatado por uma mãe, que sua filha de 6 anos sofreu racismo, mostrando que não se tem uma idade certa para passar por preconceito racial e social. Assim, isso acaba por refletir negativamente a vida das vítimas desse tipo de racismo. Segundo Luane Bento dos Santos (2019, p. 12):

Não é nenhuma novidade as notícias de jornais, sites e revistas que denunciam escolas, mercados e outros setores da sociedade que recusam a aparência negra quando o cabelo crespo não está moldado por procedimentos químicos que alteram a estrutura capilar dos fios para deixarem lisos ou encaracolados. Desse modo, o processo de recusa de pessoas negras como A. não pode ser lidos apenas como reflexo de uma mente colonizada e impregnada de ideias racistas que circulam na sociedade. Na realidade, o uso dos cabelos alisados ou manipulados para aparecerem que são encaracolados podem apontar como a sociedade brasileira rejeita repetidamente corpo e cabelo crespo do negro. (L. Santos, 2019, p. 12)

Desse modo, reflete como a sociedade enxerga e manipula o cabelo crespo, ao refletirmos a forma que a matéria está sendo transmitida notamos a narrativa de poder, em torno do caso, o relato da mãe nos revela um sistema de exclusão e marginalização, e a forma como a instituição escolar se omite no caso. Dessa forma, sobre educação Michel Foucault

afirma que:

[...] reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social do discurso. Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças a qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais" (Foucault, 1996, p. 44).

Portanto, conforme a posição social e econômica do indivíduo, o discurso vai ser diferente, pois são distribuídos de forma desigual, como podemos notar na reportagem que a escola não se pronuncia publicamente, apenas trata de forma a minimizar a discussão, novamente retratando como sendo um caso isolado. A forma que o portal seleciona o relato, prejudica questionamentos sobre o racismo institucional, pois além do racismo estético sofrido pela criança, ela também sofreu com o racismo institucional, pois a instituição escolar como a própria Andressa relatou: "A escola disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que "não se pronuncia publicamente quando se trata de alunos e casos internos da escola, já que envolve todo um trabalho psicopedagógico" (G1 Rio, 2015b).

Como quinta análise desta pesquisa vamos trazer um caso de racismo ocorrido dentro de sala de aula, que é onde o aluno deve ser protegido e ter acesso ao conhecimento amplo tanto de conteúdos atrelados a diversas áreas das ciências quanto sobre temáticas transversais. Na chamada da reportagem a seguir:

Figura 5: Portal G1 – Reportagem 5 – Publicada em 30/11/2015.

The screenshot shows a news article from the G1 Goiás website. The header is red with the G1 logo and 'GOIÁS' text. Below the header, the date is listed as '30/11/2015 19h35 - Atualizado em 30/11/2015 19h35'. The main title of the article is 'Outra aluna denuncia à polícia que sofreu racismo de professor, em GO'. A subtitle below the title reads 'Segundo delegado, garota de 14 anos foi chamada de 'filha de chocadeira''. Below the article, there is a byline for 'Silvio Túlio' and 'Do G1 GO'. At the bottom right, there are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest.

Fonte: Portal G1. Disponível em:
<https://g1.globo.com/goias/noticia/2015/11/outra-aluna-denuncia-policia-que-sofreu-racismo-de-professor-em-go.html>

A reportagem nos traz que tudo que aconteceu na cidade de Rio Verde, região sudoeste do Goiás, mas especificamente dentro de uma escola a nível estadual, ela nos apresenta que uma denúncia foi realizada junta a uma delegacia de Polícia Civil, onde uma jovem de 14 anos foi ao local para prestar uma denúncia, acompanhada dos pais, que afirma que foi vítima de racismo por um professor. O que surpreende ao ler essa matéria é de que esse mesmo professor já foi denunciado por comentários racistas feito a outro aluno, ambos os casos ocorreram em decorrência das crianças serem negras.

O Delegado Danilo Fabiano, afirmou à reportagem que "Ele disse que ela era filha de chocadeira e que, quando desaparece alguma coisa na sala, só poderia ser coisa de preto. Estamos investigando esse outro caso de racismo" (Túlio, 2015), ele ainda informa que a jovem só teve coragem para ir fazer a denúncia após ver que demais companheiros de escola também já tinham ido. A procura de informações sobre a atual situação do professor, o repórter Sílvio Túlio entrou em contato com a Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte (Seduce) onde informou que o professor denunciado já havia sido advertido por escrito e até mesmo suspenso das atividades.

A outra denúncia feita ao professor foi realizada por outro jovem, também de 14 anos, após o mesmo ser alvo de um comentário que o deixou constrangido diante da sala toda. Um conselheiro tutelar supervisiona o episódio, Elismar Fernandes, afirma que "O professor apagou a luz e perguntou pelo nome do aluno, depois ligou a luz e falou que ele tinha aparecido. A sala inteira e o professor começaram a rir e o aluno ficou muito constrangido com a situação" (Túlio, 2015). Com tudo isso, podemos observar que as escolas no Brasil, as vezes deixam de ser um local de acolhimento e se tornam um local de discriminação. Segundo Janayna Alves de Sousa e Josenildo Campos Brussio, nos murais de grande parte das escolas, tanto públicas como privadas, existe uma predominância de fotos de pessoas brancas como representação dos discentes e docentes e, complementam que "nas escolas, é possível observar formas de discriminação racial, tanto na atuação docente, quanto na discente, principalmente, entre os colegas de classe" (Sousa e Brussio, 2023, p. 277). Para Foucault o discurso presente nas escolas é:

O que afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; se não a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso se não a distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? Que é uma "escritura" (a dos "escritores") se não o sistema semelhante de sua sujeição, que toma formas um pouco diferentes, mas cujos grandes planos são análogos? Não constituíram o sistema judiciário o sistema institucional da medicina, eles também, sob certos aspectos, ao menos, tais sistema de

sugestão do discurso? (1996, p. 45).

Ao analisar a forma que o portal de notícias G1 traz as denúncias de racismo entendemos que a atitude da Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte, se caracteriza como um mecanismo de controle do discurso, no momento em que a SEDUCE adverte e suspende um professor, pois procura com essa medida reprimir levantamentos de questões estruturais e o debate que envolva o racismo institucional, fazendo assim com que o ocorrido seja tratado como um incidente individual, e não como um problema estrutural. O portal de notícias G1 reforça essa ideia quando também trata o comportamento dos professores como ações isoladas e não um fragmento de uma questão estrutural muito maior, assim esse método ajuda a limitar a existência de uma reflexão mais crítica sobre o racismo estrutural e institucional pelo público leitor.

5 Considerações finais

Conclui-se que os discursos declarados nas matérias analisadas do portal de notícias G1 referente aos casos de racismo noticiados durante o ano de 2015, apresentam o racismo enraizados na sociedade que vivemos, seja ele, estrutural, estético, institucional, religioso, ecológico, cultural e recreativo. Assim, com base na análise do discurso de Michel Foucault notamos que a forma que os casos são descritos revelam o preconceito, como também sustentam o mecanismo de poder e exclusão, pois o discurso jornalístico não é neutro, é escolhido, controlado e redistribuído, para assim influenciar a compreensão dos leitores.

As matérias avaliadas tratam o racismo como um evento isolado, não como algo estrutural, fazendo assim o não aprofundamento do debate, reforçando o racismo com circunstância e não como uma problemática social sistêmica. A forma que o portal de notícias G1 destaca as instituições e os acusados de práticas racistas, demonstra como a imprensa, muitas vezes, busca resguardá-los de possíveis condenações antecipadas, desvalorizando e desmerecendo os casos denunciados de racismo.

Por fim, as matérias do portal de notícias G1 não só apresentam casos de racismo, como também apontam falhas estruturais da abordagem do portal em relação ao racismo, ocasionando a necessidade de uma demanda maior por ações midiáticas, educacionais e de políticas públicas que transformem essa realidade.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, C. Registros de racismo e injúria racial aumentam em Uberlândia em 2015: Casos registrados pela Polícia Militar sobem 75% de 2013 a 2015. Para representante da OAB, autoridades não sabem lidar com denúncias. **G1 Triângulo Mineiro**, 5 out. 2015. Disponível em:

<https://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/10/registros-de-racismo-e-injuria-racial-aumentam-em-uberlandia-em-2015.html>. Acesso em: 8 nov. 2024.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ASSUMPÇÃO, A. B. F.; AMARAL, A. L. M.. **Interatividade no jornalismo online**: estudo de caso do site G1 e proposta de um novo modelo de site jornalístico interativo. 179 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2030/1/AAssump%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2024.

CAPELATO, M. H.. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CRIMES raciais são 68% dos casos em delegacia especializada em SP: Representatividade desses crimes cresce há três anos no Decradi, diz SSP. Denúncia de racismo em letra da bateria da USP está entre as investigações. **G1 Ribeirão e Franca**, 24 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/11/crimes-raciais-sao-68-dos-casos-em-delegacia-especializada-em-sp.html>. Acesso em: 8 nov. 2024.

FONSECA, S. C. P. de B.; CORRÊA, M. L.. Apresentação: A imprensa dos historiadores. In. FONSECA, S. C. P. de B.; CORRÊA, M. L. (org.). **200 anos de imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Contracapa, 2009. p. 7–20.

FOUCAULT, M.. **A Ordem do Discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

G1 RIO. Aluna de moda da PUC-Rio relata racismo de professoras em sala: Gabriela Monteiro prestou queixa na 12ª DP (Copacabana). Aluna fez desabafo no Facebook nesta quarta-feira (25). In. **G1 Rio**, 25 de fevereiro de 2015a. Disponível em: [G1 - Aluna de moda da PUC-Rio relata racismo de professoras em sala - notícias em Rio de Janeiro](https://g1.globo.com/rio/noticia/2015/02/25/aluna-de-moda-da-puc-rio-relata-racismo-de-professoras-em-sala-noticias-em-rio-de-janeiro.html). Acesso em: 05 dez. 2024.

G1 RIO. Mãe diz que filha sofreu racismo em escola do Rio: 'cabelo de pobre' Publicação de desabafo na web teve mais de 1,3 mil compartilhamentos. Relato aponta omissão de escola em relação ao preconceito dos alunos. In. **G1 RIO**, 05 de outubro de 2015b. Disponível em: [G1 - Mãe diz que filha sofreu racismo em escola do Rio: 'cabelo de pobre' - notícias em Rio de Janeiro](https://g1.globo.com/rio/noticia/2015/10/05/mae-diz-que-filha-sofreu-racismo-em-escola-do-rio-cabelo-de-pobre-noticias-em-rio-de-janeiro.html). Acesso em: 05 dez. 2024.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. Lugar de negro. 1^a ed. Rio de Janeiro. Zahar. 2022.

INSTITUTO NELSON WILIANS. **Cartilha manual antirracista**. 2023. Disponível em: <https://inw.org.br/wp-content/uploads/2023/11/Cartilha-Manual-Antirracista.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2024.

LEITE, C. H. F. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Revista Escritas**, v. 7, n. 1, p. 03-17, 2015. Disponível em: [TEORIA, METODOLOGIA E POSSIBILIDADES: OS JORNAIS COMO FONTE E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA | Revista Escritas](#). Acesso em: 04 dez. 2024.

LUCA, T. R. de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, L. Eugenia. In. **Toda Matéria**. Disponível em: [Eugenia: significado, movimento e no Brasil - Toda Matéria](#). Acesso em: 05 dez. 2024.

MEDEIROS, T. F. O tema do racismo estrutural no jornalismo digital: uma análise de conteúdo. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Cultura, Educação e Relações Étnicos-Raciais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [O tema do racismo estrutural no jornalismo digital: uma análise de conteúdo | CELACC USP](#). Acesso em: 05 dez. 2024.

MENDES, R. P. da S. Darwinismo social. In. **Brasil Escola**. Disponível em: [Darwinismo social: o que é, exemplos, origem - Brasil Escola](#). Acesso em: 05 dez. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS. **MPDFT ajuíza mais de 90 denúncias de crime racial em 2015**. Brasília: MPDFT, 18 dez. 2015. Secretaria de Comunicação. Disponível em: <https://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/comunicacao-menu/sala-de-imprensa/noticias/noticias-2015/8178-mpdft-ajuiza-90-denuncias-de-crime-racial-em-2015>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MUNANGA, K.. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EDUFF, 2003. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoesDeRacaRacism_oIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 04 dez. 2024.

MORAIS, R. Mulher ofende PM negro no DF ao ser pega com maconha: 'Sua cor diz tudo'. Ela disse que policial levaria cigarro para casa e o fumaria, afirma vítima. Caso aconteceu em Santa Maria; suspeita foi levada ao Presídio Feminino. In. **G1 Distrito Federal**, 19 de julho de 2015. Disponível em: [G1 - Mulher ofende PM negro no DF ao ser pega com maconha: 'Sua cor diz tudo' - notícias em Distrito Federal](#). Acesso em: 05 dez. 2024.

OLIVEIRA, I. M. A. de. A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira. **Secretaria de Estado da Educação do Paraná**, 2008. Disponível em: <

<http://www.diaadiadecacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-6.pdf>. Acesso em: 04 de março de 2018.

OSÓRIO, M. V. da S.. **Racismo e Mídia**: “Pesos iguais e medidas diferentes”, análise de notícias dos portais G1 e R7 sobre a abordagem Jornalística de acordo com a cor da pele e a condição social. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, MG, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/a479fb17-a0b1-4c92-84be-53dedc2abac2>. Acesso em: 08 nov. 2024.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos Temáticos**: História e cultura afro-brasileira e africana: educando para as relações étnico-raciais. Curitiba: SEED, 2006.

PIMENTA, Paulo Roberto Severo. **Registro de casos de ódio cresceu dez vezes entre 2014 e 2015**. Nota pública do Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. Brasília: Câmara dos Deputados, 27 jan. 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhn/noticias/registro-de-casos-de-odio-cresceu-dez-vezes-entre-2014-e-2015>. Acesso em: 12 jan. 2025.

PORFÍRIO, F.. "Racismo": **Brasil Escola**. 2019. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/racismo.htm>. Acesso em: 08 nov. 2024.

QUEIRÓS, F. A. T.; CORDEIRO, A. T. da S. Mídia e racismo em 8 notícias sobre o tráfico de drogas. **Muiraquitã**: Revista de Letras e Humanidades, v. 11, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/6563>. Acesso em: 8 nov. 2024.

REIS, L.A. **Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo preconceitos e estereótipos**. 42p. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ADSKVU>. Acesso em: 05 dez. 2024.

SANTOS, D. B. dos. **Para além dos fios**: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12526>. Acesso em: 08 nov. 2024.

SANTOS, L. B. dos. Processos educativos no contexto dos salões de beleza afro: investigações etnomatemáticas sobre o fazer/saber de trançadeiras negras. **Seminário Internacional as Redes educativas e as tecnologias**, X, 2019, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/338234377>. Acesso em: 03 dez. 2024.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Raça. In. SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOBRE O G1: O g1 é o portal de notícias da globo é líder de audiência no jornalismo digital no Brasil. Conheça mais sobre a história do g1. In. G1 Institucional, s/d. Disponível em: [Sobre o g1 | Institucional | G1](https://www.g1.com.br/institucional). Acesso em: 05 dez. 2024.

SOUSA, J. A. de; BRUSSIO, J. C. Racismo estrutural no Brasil: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial. In **Odeere**, Ilhéus, v. 8, n. 1, p. 264-284, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/odeere.v8i1.11658>. Acesso em: 01 dez. 2024.

TÚLIO, S. Outra aluna denuncia à polícia que sofreu racismo de professor, em GO. Segundo delegado, garota de 14 anos foi chamada de 'filha de chocadeira'. Docente já é investigado pelo crime; outro profissional teria cuspido em aluno. In. **G1 Goiás**, 30 de novembro de 2015. Disponível em: [G1 - Outra aluna denuncia à polícia que sofreu racismo de professor, em GO - notícias em Goiás](#). Acesso em: 05 dez. 2024.

WURMEISTER, F. Médica acusa secretária de Saúde de fazer comentários racistas sobre cabelo. Gaúcha fez medicina em Cuba e trabalha no programa Mais Médicos no PR. Responsável pela pasta diz que só teve intenção de proteger a profissional. In. **G1 Oeste-sudoeste PR**, 24 de março de 2015. Disponível em: [G1 - Médica acusa secretária de Saúde de fazer comentário racista sobre cabelo - notícias em Oeste e Sudoeste](#). Acesso em: 05 dez. 2024.